

TORNANDO-SE PROFESSOR DE GEOGRAFIA: O PAPEL DAS EXPERIÊNCIAS DISCENTES

GISELE Lopes Guerra¹
UERJ/FEBF
giza.guerra@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo investigar os sentidos que calouros e formandos do curso de Geografia produzem sobre o magistério. Para o levantamento das informações foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, em que foi incentivado o relato das experiências de escolarização dos acadêmicos, de suas perspectivas profissionais, a explicitação das razões de escolha do curso como também da instituição e finalmente, sua percepção sobre o magistério. Utilizou-se alguns conceitos da Psicanálise como referencial teórico para a análise das entrevistas. As falas dos entrevistados evidencia os diferentes caminhos que levam os indivíduos a se tornarem professores. Os resultados apontam a necessidade de uma reflexão mais ampliada sobre a imagem do professor na graduação.

Palavras-chave: magistério – Geografia - Psicanálise

Abstract

The present work aims at investigating the meanings that the new students and those who finish the course of Geography produce about the act of teaching. In order to collect information, we used half-structured interviews, in which we incentivated the report of the practices of learning of the students, their professional perspectives, the narration of the reasons why they chose the courses and the institutions, and also the perception about the the teaching profession. We used some concepts of Psychoanalysis as the theoretical basis to the analysis of the interviews. The speech of those who were interviewed show the different ways which lead people to become teachers. The results show that it is necessary to have a better reflection about the teacher's image in the graduation courses.

Key words: teaching – Geography - Psychoanalysis

1 Aluna do Programa de Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1 Apresentando a pesquisa

A formação de professores é uma das temáticas mais investigadas no círculo da Educação nas últimas décadas. É considerável a produção relacionada a esta temática em fóruns de discussão nacional, com a ANPED e o ENDIPE.

Desponta neste movimento, novos enfoques para compreender os saberes relacionados a formação docente, dentre eles aqueles que apontam a respeito dos discursos de alunos de licenciatura sobre o magistério.

Este trabalho é parte da dissertação de mestrado onde analisa-se os discursos sobre o magistério no curso de Geografia. Ao focar a discussão neste sentido busco abrir canais de comunicação com os alunos de licenciatura a fim de melhor compreender o magistério como profissão por aqueles que um dia estarão em sala de aula.

Escolher o magistério como carreira traduz a influência de vários fatores como a paixão pela escola na infância, a origem familiar, o exemplo de professores queridos, a satisfação produzida por experiências escolares positivas e ainda a afetividade com crianças e adolescentes (Tardif, 2000). Em Adorno (2006) porém, encontramos uma situação adversa: sua experiência com alunos recém formados mostra a repulsa pela função de professor, mesmo que estes estudantes tenham sido empurrados pelas circunstâncias profissionais (a falta de alternativas) para a carreira. Não encontrando justificativas reais e palpáveis para a aversão ao magistério no contexto da Alemanha da época, o autor conclui se tratar de razões subjetivas, de natureza inconsciente.

A ambivalência a respeito da profissão docente no discurso de professores é curioso e instiga à investigação. A Psicanálise pode contribuir nesta jornada ao auxiliar na compreensão dos discursos que calouros e formandos do curso de Geografia produzem sentidos sobre o magistério na direção de identificar no discurso desses estudantes os tabus presentes acerca da carreira docente como também explicitar como esses diferentes discursos, permeados de tabus, se articulam e contribuem na produção de sentidos sobre o magistério que envolve direta ou indiretamente as opções profissionais e ainda a formação de professores.

A opção pela Psicanálise como proposta metodológica e teórica está ancorada na possibilidade de abordagem quando o objeto de estudo for o

comportamento humano reconhecido a partir de processos mentais inconscientes.

A Psicanálise traz no seu bojo um método receptivo, valorizando mais a escuta do que a fala, mais a espera do que a indução de um sentido. É fruto de uma modalidade de tratamento para doentes nervosos batizada por “talkink cure”, pois, este modo de escuta exige o exame da palavra do outro como achados arqueológicos, traduzindo a linguagem nos objetos psíquicos investigados.

Isto ocorre porque o objeto de pesquisa é inconsciente que não se deixa perceber por estratégias de pesquisa do tipo experimentais ou que não valorizem a interação entre sujeitos da pesquisa, investigador e investigado. É nesse contato que é possível perceber sutilmente o material do inconsciente.

A utilização de elementos da teoria psicanalítica de Freud não transforma este trabalho em um exemplar de análise clínica. Trata-se sim de uma proposta de utilização da teoria e do método como possíveis operadores necessários à compreensão do humano. O próprio Freud autoriza a análise leiga (Freud, 2000c), ou seja, a utilização de elementos da teoria psicanalítica, sem que isso resulte transformar profissionais de outras áreas em psicanalista.

Nesse sentido, os conceitos de inconsciente, sujeito e interpretação são fundamentais na compreensão desse método de pesquisa. Buscou-se em textos da obra de Freud e de seus interlocutores subsídios para expor e compreender os conceitos julgados relevantes. Estas leituras forma importantes para definir a postura da pesquisadora no desenvolvimento das entrevistas como também na compreensão dos discursos dos acadêmicos sobre o magistério, que revelaram o perfil dos estudantes deste curso e os tabus a respeito da profissão docente.

Minha hipótese de pesquisa aposta que algumas imagens socialmente construídas do magistério são imbuídas de tabus, conceito definido por Adorno (2006) como:

(...) sedimentação coletiva de representações que, de um modo semelhante àquelas referentes à economia, já mencionadas, em grande parte perderam sua base real, mais duradouramente até do que as econômicas, conservando-se, porém com muita tenacidade como preconceitos psicológicos e sociais, que por sua vez retroagem sobre a realidade convertendo-se em forças reais. (p.98)

Citando como exemplo a pobreza do professor na Alemanha, que mesmo sendo referente ao passado, tem um peso sobre as identidades constituídas sobre o

professor, o autor mostra a influência social deste tabu no presente.

No processo social da formação da profissão docente a figura do professor pelo prisma social transmite uma falta de seriedade em comparação com outras carreiras por variados motivos. Adorno recomenda e faz um exame do passado, achando as origens dos tabus ao magistério. O espanto constatado é que apesar de vivermos numa sociedade onde a barbárie se sobrepõe à cultura as raízes da ambivalência frente aos homens estudados estão na Idade Média. Nesta época a força da espada que tinham os cavaleiros medievais era muito mais valorizada do que a educação de um letrado capelão, assim permanecendo em alguns segmentos da sociedade.

Se com a revolução burguesa a cultura letrada torna-se cada vez mais valorizada, ainda houve momentos em que a força física resistia à divisão do trabalho, tornando o magistério suspeito apesar de sua função importante na sociedade. A não unanimidade da cultura letrada se traduz ainda na percepção dos analfabetos aos indivíduos letrados, pois sentem rancor e inferiorizados perante estas pessoas com alguma autoridade, desde que não sejam pessoas com poder.

Outras imagens que se tornam uma influência a imagem do professor é relacionada a crenças populares de que nos séculos XVII e XVIII os soldados veteranos eram aproveitados como professor, como também há antigas referências de professores como escravo.

Ao lembrar que a ambivalência com relação aos homens estudados é arcaica, Adorno questiona por que esta situação não ocorre com outras profissões intelectuais. Baseado no senso comum e no contexto local, ele explica que o magistério não se trata de uma profissão livre, ou seja, não está subordinada a disputa concorrencial, possui menores condições materiais e é uma carreira engendrada no serviço público. Portanto as características profissionais da carreira vão contra aos ideais burgueses ao se assemelhar com a nobreza devido à garantia de renda.

O questionamento sobre que poder a profissão docente possui também é posto em discussão no artigo de Adorno. Em relação a outras profissões o poder docente é inferiorizado já que ele ocorre sobre crianças, sujeitos civis não totalmente plenos e isso é uma paródia de outras formas de poder, como a exercida por juízes

que detêm um poder real definido pela sociedade.

Quanto ao perfil dos estudantes do curso de Geografia, a suspeita inicial era de que as lembranças das aulas de Geografia durante o ensino fundamental (5ª a 8ª série) e o ensino médio é grande relevância para esta construção, já que "aprendemos a ser professor desde que nos tornamos alunos" (KAERCHER, 2004, p.40).

Nesse sentido, incentivei a fala dos acadêmicos sobre os conteúdos e metodologias que marcaram a vida de estudante, os afetos da época e o que "ficou" quanto à aprendizagem e como exemplo a ser seguido ou não.

A partir dessa reflexão iniciada pela fala, pude estabelecer uma análise da concepção de Geografia e Educação, explícita ou subentendida nos discursos dos estudantes.

2 A metodologia

Como procedimentos para a coleta de dados realizei entrevistas semi-estruturadas, com os diferentes sujeitos que estão em posição de alunos, procurando entender os discursos que circulam sobre as possíveis concepções de magistério. A utilização de entrevistas semi-estruturadas permite uma maior flexibilidade à pesquisa, já que contam com uma espinha dorsal que podem sofrer os ajustes necessários no decorrer da pesquisa, dependendo da direção que as respostas do entrevistado oferece.

Com a permissão dos sujeitos da pesquisa, as entrevistas foram gravadas em áudio. Apesar de se tornar mais trabalhoso devido à necessidade de transcrição, é possível através das entrevistas ter acesso a elementos que por meio de questionários escritos seria mais difícil. Os elementos extra-verbais como a entonação, as pausas, a expressão facial e a postura são essenciais na compreensão dos discursos já que eles complementam o sentido do que é dito.

Optei por selecionar vinte estudantes que cursassem o curso de Geografia que permitisse um comportamento de ambivalência entre o bacharelado e a licenciatura. Nesse sentido, encontrei nas duas instituições escolhidas, a UFRJ e a UERJ, ainda a presença da dupla titulação para os alunos, ou seja, poderiam conseguir as duas

titulações ao mesmo tempo, sem opção prévia no momento do vestibular. Essas peculiaridades foram importantes para a pesquisa, pois estes sujeitos se depararam com estes dois caminhos a escolher durante todo o curso.

Apresento a seguir alguns resultados parciais, precisamente a respeito da a opção dos entrevistados pelo magistério. O objetivo é mostrar como estas falas afetam a percepção dos acadêmicos sobre a carreira docente.

3 As entrevistas

Esta seção trata da análise dos dados coletados durante as entrevistas semi-estruturadas com os dois grupos de estudantes, quais sejam: os estudantes do primeiro período e os estudantes de último período.

As questões desenvolvidas com os estudantes versaram sobre o porquê da escolha pelo curso de Geografia e pela instituição; qual foi a intencionalidade ao entrar no curso, ser bacharel ou licenciado; como foram suas experiências no Ensino Fundamental e Médio com a disciplina; se desejou ser professor em algum momento anterior a entrada no curso de graduação; que razões apontaria para ser e para não ser professor e finalmente, sua perspectiva profissional a respeito da carreira de professor.

Optei por selecionar dois grupos de dez estudantes cada um, que cursassem o curso de Geografia que permitissem evidenciar um comportamento de ambivalência entre o bacharelado e a licenciatura. Nesse sentido, encontrei nas duas instituições escolhidas, a UFRJ e a UERJ, ainda a presença da dupla titulação para três dos quatro grupos pesquisados, exceto o grupo de entrevistados do primeiro período da UFRJ, ou seja, poderiam conseguir as duas titulações ao mesmo tempo, sem opção prévia no momento do vestibular. Essas peculiaridades foram importantes para a pesquisa que agora apresento os resultados, pois estes sujeitos se depararam com estes dois caminhos a escolher durante todo o curso.

Os resultados que seguem envolvem os caminhos destes estudantes rumo ao magistério, desde o vestibular, passando pelas experiências escolares com a Geografia, o papel dos professores com relação a Geografia e ao magistério e o gosto pela disciplina.

3.1 Memórias da Geografia na escolaridade

Apesar de a Geografia não se constituir a primeira opção de alguns estudantes no momento do vestibular, eles se encontram atualmente no curso, em seu início ou perto de sua conclusão. Uma curiosidade surgiu: porque foi a Geografia escolhida como segunda opção? Para buscar pistas que sugerissem motivos para esta opção, solicitei que falassem sobre o significado da Geografia vivenciada no Ensino Fundamental e Médio para os alunos participantes da pesquisa. Levantei, à época da estruturação das entrevistas, qual seria o significado deste período escolar na escolha profissional. Selecionei três tipos de lembranças sobre este período de escolaridade: a primeira das lembranças é muito positiva; a segunda está carregada de aspectos negativos, embora ressalte um momento em que a disciplina foi interessante; e finalmente um depoimento curto devido a ausência de lembranças.

Os depoimentos abaixo explicitam a situação:

Minha experiência com a Geografia foi muito positiva em todos os níveis. Poderia dizer, sem falsa modéstia, que sempre fui o melhor aluno da turma em Geografia desde o ensino fundamental e também no ensino médio sempre fui muito bom mesmo; em História também eu era um bom aluno. Foi algo que eu sempre gostei. No ensino médio tive bons professores. Fui aluno de boas escolas particulares e os professores sempre perguntavam se eu não tinha interesse de prestar vestibular pra Geografia, por isso eu refleti sobre isso e acabei decidindo por isso depois. (Rafael – UFRJ – veterano)

No ensino fundamental meus professores de Geografia eram péssimos, tanto que não me chamavam atenção, era o tipo de aula pra sublinhar coisa em livro, de todo ano ser o mesmo professor e ter a mesma aula independente da série, com poucas modificações. Então geografia pra mim passou meio que despercebido no ensino fundamental. Pintar mapa, então... eram coisas que não me chamavam atenção pra matéria. No ensino médio a coisa melhorou, assim, tanto que eu comecei a gostar mais da matéria. Mas gostar mesmo de Geografia e começar a me ver como geógrafa na profissão ou como professora de Geografia, só 3º ano mesmo no pré-vestibular que eu tive que começar a estudar porque eram as minhas específicas pra outra carreira que era Jornalismo. Eu tinha uma facilidade maior pra

Geografia, eu gostava da matéria em si, tanto que foi ali que eu comecei a conhecer a matéria porque no ensino fundamental não foi Geografia, foi alguma coisa que deram e que até hoje eu tento lembrar e o que eu sei é que eram muito ruins as aulas. (Mariana – UFRJ – veterana)

Acho que a Geografia foi mais positiva nos últimos anos do Ensino Médio. Mas nos dois últimos anos ela foi muito mais importante. Não lembro do Ensino Fundamental por exemplo, assim sabe 5ª série e 8ª série não lembro de nada da Geografia. (Alessandro – UFRJ – veterano)

As respostas dos entrevistados apontam para uma ambivalência entre os conteúdos dados no ensino fundamental e médio: muito ruins no primeiro nível e interessante a ponto de motivar a escolha pela disciplina como curso de graduação.

Apesar da maioria dos entrevistados (catorze alunos) ter gostado da disciplina, há uma faixa considerável daqueles que não tiveram uma experiência marcante com a disciplina durante toda a vida escolar.

O processo de renovação que a Geografia vivenciou a partir dos anos de 1970 pode explicar porque a Geografia se tornou mais interessante em sala de aula. A partir dos anos 60 houve uma insatisfação com respeito ao método analítico-dedutivo utilizado para a compreensão do mundo que não dava conta das transformações que se viam no mundo, ou seja, o positivismo não possibilitava a compreensão da totalidade-mundo. (STRAFORINI, 2008, p. 64)

Somada a essa miopia do método, as desigualdades sociais se aprofundavam nos países periféricos, não sendo mais possível ignorar que a pobreza fazia parte da realidade da população brasileira. A busca pelo método materialismo histórico lê o espaço em movimento com o apoio da periodização, conhecido como a relação espaço-tempo, que procura compreender o movimento da sociedade sobre o espaço ao longo do tempo. Foi portanto a reflexão teórico metodológica intensificada neste período que permitiu um grande avanço para a explicação do espaço geográfico.

É possível, a partir dos pressupostos da Geografia Crítica, “desenvolver um ensino que favoreça o entendimento real e concreto da ação humana através do espaço-tempo”. No entanto, os depoimentos que ouvi demonstram que este

processo de renovação na verdade foi parcial pois a estrutura da educação permaneceu igual: é estática, fragmentada e neutra. Todas estas características inviabilizam a proposta da Geografia Crítica pois esta pressupõe a centralidade da ação do aluno sobre o conhecimento.

O que ouvi nos depoimentos vai de encontro com este 'desencontro' que é a Geografia Crítica para muitos professores, que trabalham em sala de aula conteúdos vinculados a realidade social, com a exposição de conflitos e contradições mas aprisionados sobre uma perspectiva de ensino aprendizagem que nega a participação ativa do sujeito do conhecimento.

3.2 Meus mestres

As 'escolhas', por sua vez, também são marcadas pelas relações e muitas delas influenciam esta decisão, são caminhos desenhados por outros que influenciam os percursos, os olhares, as decisões... Dentre as pessoas que influenciaram as escolhas dos acadêmicos entrevistado, cabe destacar a figura do professor de ensino fundamental e médio, que muitas vezes não têm consciência do que pode provocar em seus alunos. Quinze acadêmicos tiveram um professor de Geografia importante e ainda, dois entrevistados citaram professores de Biologia e Matemática como personagens marcantes em suas vidas.

Ele me levou a querer saber Geografia e até no início pensar em ser professor. Ele me inspirou enquanto profissional e enquanto pessoa também. E desde a 5ª série que eu falo que eu quero fazer Geografia (risos), e fiz. Foi uma professora da 5ª e 6ª série que eu gostava muito. Só que aí no Ensino Médio eu fui fazer curso técnico; eu meio que fugi... Mas no Ensino Médio houve uma outra professora de Geografia, aí eu falei: "Não, é Geografia que eu quero, é Geografia que eu vou fazer". (Erick -UERJ - veterano)

Eu me inspirei em vários professores de Geografia, não foi um só. Eu tive sorte de ter bons professores de Geografia. Foi no 2º grau especificamente que eu encontrei os professores que me inspiraram (Fernanda – UERJ – veterana).

Alguns estudantes destacaram que a admiração que tiveram por professores em sua época de aluno foi parte determinante rumo ao magistério e ao curso. Nota-

se que a ênfase maior é dada a relação do professor com o conhecimento.

Seleciono não só um professor de Geografia, seleciono um de Geografia que foi um grande incentivador para eu prestar o vestibular para geografia, o Marcelo que me deu aula durante todo o ensino médio e também o de biologia que eu tive, o professor Gilberto pelo acúmulo de conhecimento e pela capacidade dele de interagir com a turma e compartilhar o conhecimento dele. Acho que foram duas pessoas que marcaram bastante.(Arthur – UFRJ - veterano)

Os professores que me inspiraram foram no 2º e 3º ano do Ensino Médio. Chegou a época de fazer vestibular, pensar no futuro... era uma matéria que eu gostava bastante e o professor era bastante legal. Acho que ajudou o fato do professor ser legal e a matéria também.(Robson – UERJ - veterano)

Escolher uma profissão é um processo que envolve afetos. Aspectos como admiração e respeito por profissionais que atuam na área são relevantes neste momento. Na escola, o contato dia-dia com estes profissionais é um facilitador para esta escolha, já que é possível a compreensão das finalidades e tarefas desta função.

As falas dos sujeitos analisados indicam que suas escolhas foram fundamentadas a partir de identificações positivas com seus professores da disciplina como também de outras áreas. Na pesquisa que deu origem ao livro “Saberes docentes e formação profissional”, Tardif (2002) evidencia que muitos professores falaram da influência de seus antigos professores na escolha de sua carreira e na maneira de ensinar.

Observa-se neste depoimentos relações constituídas a partir da aquisição de conhecimentos, que criam laços afetivos, que para muitos estudantes se transformaram em verdadeiras marcas a influenciar a história de vida, norteando caminhos, tornando-se mitos, lendas.

Ele afirma que havia algo que sustentaria a simpatia dos alunos por alguns professores e ainda, que a personalidade destes teria uma maior importância em relação ao seu gosto pelo conteúdo ensinado:

Minha emoção ao encontrar meu velho mestre-escola adverte-me de que antes de tudo, devo admitir uma coisa: é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres. É verdade, no mínimo, que esta segunda preocupação constituía uma corrente oculta e constante em todos nós e, para muitos, os caminhos das ciências passavam

apenas através de nossos professores. (FREUD, 2000b, p.145)

Pode-se afirmar com estes três depoimentos o papel relevante do professor de Geografia, o representante primeiro da disciplina, nas escolhas profissionais dos estudantes investigados.

Apereceram porém, associações negativas a alguns professores que tiveram no decorrer de suas escolaridades, principalmente no que se refere a forma como o conteúdo é dado:

A Geografia na escola teve altos e baixos; alguns professores despertaram o interesse, e outros professores passaram em branco. Algumas figuras antológicas que chegavam na sala colocando um mapa do tamanho do quadro, dava pancada no quadro, fazia decorar mil coisas inúteis. (Fabrício – UERJ - calouro)

Marcaram pelo afeto e pelo conhecimento. Sabe aquela aula que tem brincadeira que você fica bobo como aprendeu aquilo tudo brincando, descontraído. Aí você vê a aula de outro professor, professor fraquinho, ruim, um qualquer que dá aula de maneira maçante (David – UERJ – calouro)

3.3 A paixão pelo conhecimento

Outra razão que explica a escolha do curso revela que se dá por uma afinidade com a área de saber já identificada em seus tempos escolares.

Então, eu escolhi a Geografia porque ela me agrada, é um curso que eu faria com gosto e não por necessidade de arrumar emprego, de tentar arrumar uma profissão através da Geografia. Já que eu tinha uma profissão eu podia simplesmente por que me agradava. (Fabrício – UERJ – calouro)

Quando fiz o vestibular pra geografia eu não tinha nada em mente pro futuro, eu não pensei em nada que no que viria depois. Eu fiz porque queria. Porque eu gostava muito de Geografia na escola. Ah... o que acontecer depois não interessa. (Marcelo – UFRJ – calouro)

O amor ao saber foi uma das razões apontadas para a escolha do magistério enquanto profissão. O que percebe-se com estes depoimentos é que o fato de verem na Geografia um canal para entender os fatos da realidade, por tratar de temas atuais e de maneira questionadora, leva-os a admirar os professores da disciplina e a idealizar um futuro semelhante aos desses mestres.

Era uma matéria de fácil entendimento, eu compreendia

rapidamente, eu achava uma matéria interessante onde se vê as relações atuais políticas e econômicas enfim, eram coisas que eu conseguia apreender muito mais fácil do que História por exemplo que eu sempre tive um pouco mais de dificuldade apesar de sempre ter uma preferência para humanas e geografia em si por causa das questões políticas e econômicas sempre me chamou atenção, a questão ambiental. Então eu passei a ter um maior esclarecimento do mundo que a gente vive. A Geografia nesse ponto me chamou atenção por isso. (Mariana – UFRJ – veterana)

O João Felipe, ele me dava aula no pré vestibular do GPI. Ele é demais, cara. É um professor demais, eu nunca vi nada igual. Ele me marcou não só em termos de saber porque ele sabe muito e eu nunca vi igual, mas também pela didática dele, que é inigualável. O jeito de dar aula é engraçado e saber transmitir as coisas pros alunos assim, pra mim, é perfeito. Se um dia eu for professor, eu quero ser igual a ele. (Diego – UFRJ – calouro)

Conclusões

O ponto de partida deste trabalho foi a memória dos acadêmicos, que permitiu o resgate de lembranças discentes.

Foi possível perceber, nas turmas dos dois cursos (UFRJ e UERJ) um leque amplo de narrativas de formação, com persursos muito variados no ensino básico. O recolhimento de tais lembranças esboçam o papel e as representações do professor da disciplina e podem gerar reflexões sobre o papel do professor de Geografia a serem melhor pensadas pelos espaços de formação.

São portanto, diferentes os caminhos que levam os indivíduos a se tornarem professores. Os resultados apontam a necessidade de uma reflexão mais ampliada sobre a imagem do professor na graduação, com vistas desconstruir os tabus que atingem negativamente a carreira. A proposta aqui lançada não é nova: é o processo de auto-reflexão (Sobreira, 2008), do educador nos cursos de formação, já citado anteriormente neste trabalho.

Por esta via, conseguir-se-á a emancipação dos indivíduos, que precisa ser conjugada “com uma reflexão sobre as suas práticas, sobre as representações que compõem o contexto no qual estão inseridos. Nesse sentido, a educação precisa elaborar o passado, a fim de que esclareça o presente” (CRUZ, 2006, p.156). Este é o caminho para eliminar as causas dos tabus sobre o magistério, que transforma o percurso em direção à docência em trilhas tortuosas sem uma chegada feliz.

Bibliografia

ADORNO, T. W. Tabus acerca do magistério. In: ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CRUZ, M. R. **Tabu, poder e punição**: alternativas de análise da (in)disciplina na escola. Niterói-RJ/UFF, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). 164 páginas

FREUD, S. A questão da análise leiga. In: Freud, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. (XX)**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

KAERCHER, N. A. **A Geografia escolar na prática docente**: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica. São Paulo: Editora da USP. 2004.

STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia**: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. 2 ed. São Paulo:Annablume. 2008.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.